

RECATEGORIZAÇÃO POR NOME PRÓPRIO NOS PROCESSOS REFERENCIAIS

RECATEGORIZATION BY PROPER NAMES IN REFERENTIAL PROCESSES

Mônica Magalhães Cavalcante^{*}, Maiara Sousa Soares^{**}

RESUMO

Este artigo objetiva analisar o fenômeno da recategorização por nome próprio nos processos referenciais de modo a observar como este pode colaborar para a condução argumentativa do texto na apresentação e nas retomadas recategorizadoras dos referentes. O referente se define como uma entidade construída na mente dos interlocutores mediada pela negociação de sentidos. Dessa forma, a recategorização de um dado referente é compreendida como um fenômeno que incide em um processo de idas e vindas numa constante tentativa de estabilizar a referência em função de satisfazer o projeto de dizer. Para isso, o processo de apresentação e de retomada anafórica, quando realizado por nomes próprios, influencia a construção dos sentidos. A fim de demonstrar nossas reflexões a esse respeito, apresentamos a análise de duas crônicas jornalísticas descrevendo como o modo de apresentação e as sucessivas retomadas anafóricas dos referentes por nome próprio podem auxiliar na orientação argumentativa do texto. Nessas análises, comprovamos a relevância do nome próprio em determinados contextos em função de seu uso na apresentação e na retomada recategorizadora dos referentes.

Palavras-chave: Recategorização. Nome Próprio. Referenciação.

ABSTRACT

This article aims to analyze the phenomenon of recategorization by proper name in the referential processes in order to observe how it can collaborate for the argumentative conduction of the text in the presentation and in the recategorization of the referents. The referent is defined as an entity built in the minds of the interlocutors mediated by the negotiation of the meanings. In this way, the recategorization of a given referent is understood as a phenomenon that focuses on a process

^{*} Professora Associada II da Universidade Federal do Ceará e bolsista de produtividade em pesquisa 2.

^{**} Mestranda em Linguística da Universidade Federal do Ceará e bolsista CNPq.

of comings and goings in a constant attempt to stabilize the reference in function of satisfying the project of saying. For this, the process of presentation and anaphoric resumption, when performed by proper names, influences the construction of the meaning. In order to demonstrate our reflections in this respect, we present the analysis of two journalistic chronicles describing how the presentation mode and the successive anaphoric retakes of the referents by their proper name can help in the argumentative orientation of the text. In this analysis, we prove the relevance of the proper name in certain contexts due to its use in the presentation and in the recategorized resumption of the referents.

Keywords: *Recategorization. Proper Name. Referentiation.*

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este artigo pretende analisar, à luz da concepção sociocognitiva e discursiva da referenciação, o fenômeno da recategorização, particularizando o modo de apresentação e as sucessivas retomadas anafóricas dos objetos de discurso por apelo ao nome próprio, a fim de demonstrar como o recurso aos antropônimos pode auxiliar na orientação argumentativa do texto. Essa análise possibilita descrever como determinados nomes próprios podem estar a serviço de um projeto de dizer do locutor desde o modo como os referentes são expressos no contexto até sua participação nas etapas de construção da referência, tal como foram descritas por Custódio Filho (2011).

Com base nisso, buscamos demonstrar como as retomadas recategorizadoras por nome próprio colaboram para a condução argumentativa do texto. Partimos do pressuposto defendido por Cavalcante (2017) de que “todo texto apresenta uma dimensão argumentativa”, ou seja, revela, de alguma forma, como “o locutor tenta influenciar o modo de ver e sentir do interlocutor” (AMOSSY, 2011; CAVALCANTE, 2017). Concebemos o processo de recategorização por nome próprio como uma estratégia argumentativa que visa transformar os objetos de discurso no texto em função de um ponto de vista que se quer explicitar, mas também em função de sobredeterminações discursivas e de negociações estabelecidas entre os interlocutores.

Conforme Cavalcante (2017), há diversas estratégias argumentativas que interferem na organização de um texto, como a escolha de um gênero discursivo e de uma possível sequência textual dominante; como a hierarquização dos subtópicos; como o recurso às intertextualidades, entre elas a alusão; e como a escolha de determinados processos referenciais. Acreditamos que certas construções de processos referenciais, como os que envolvem o nome próprio são mobilizadas tendo em vista o projeto de dizer do locutor e de sua tentativa de guiar o olhar do interlocutor, influenciando-o quanto a determinados pontos de vista.

Neste artigo, para evidenciar como os nomes próprios são relevantes para a recategorização dos objetos de discurso na condução argumentativa de um texto, apresentamos, com base na pesquisa de Soares (2017), a análise de duas crônicas jornalísticas do colunista José Simão, jornalista da Folha de São Paulo, publicadas no caderno *Ilustrada*.

1 O NOME PRÓPRIO COMO ESTRATÉGIA DE PROGRESSÃO REFERENCIAL

Esta pesquisa se volta para o uso de nomes próprios na apresentação e nas retomadas recategorizadoras, uma vez que consideramos este recurso linguístico relevante à progressão referencial

– um pressuposto que já se encontrava na tese pioneira de Bassetto (2015). Para isso, a autora descreveu os modos de funcionamento do nome próprio em diversos gêneros, distinguindo-os, semântico-sintaticamente, por sua *função designativa* ou por sua *função atributiva* nos diversos gêneros em situações comunicativas. A *função atributiva* de uma expressão referencial com nome próprio, segundo Bassetto, ainda se subdividiria em dois tipos: *com atributo construído discursivamente*, ou *com atributo cristalizado*.

O funcionamento do nome próprio depende do contexto de uso, como se pretende demonstrar a partir das análises realizadas na sequência, com base nos modos de funcionamento do nome próprio distribuídos no *continuum* – (a) nome próprio designativo; (b) nome próprio atributivo com características construídas discursivamente; e (c) nome próprio atributivo com características mais cristalizadas (BASSETTO, 2015, p. 102).

Apesar de aparentarem ser exclusivas, há possibilidade de essas categorias serem concomitantes, pois um nome próprio pode se apresentar, por exemplo, numa função atributiva com atributo construído discursivamente, em função das pistas do contexto, mas também com atributo cristalizado, em função das características socialmente convencionadas e já sedimentadas em dada cultura.

A *função designativa*, para Bassetto (2015), corresponde ao primeiro modo de funcionamento do nome próprio, amplamente discutida por filósofos da linguagem, como Mill (1843) e Kripke (1972), para os quais o nome próprio denotava os objetos sem lhes acrescentar quaisquer atributos. Também foi discutida por estudiosos pautados na visão da gramática tradicional, como Cegala (2004) e Cunha e Cintra (2013), para os quais o nome próprio cumpria a função de nomear os objetos.

Para tais perspectivas, a função designativa seria mais prototípica e daria um caráter mais “neutro” à expressão referencial com nome próprio, sem apontar características do referente. No exemplo a seguir, de Bassetto (2015, p. 103), podemos observar como se dá esse modo de funcionamento do nome próprio designativo:

(1)

Até agora, a mais espetacular operação da Polícia Federal atirou contra o banqueiro Daniel Dantas. Mas atingiu também o *presidente do Supremo*, Gilmar Mendes, que está levando as sobras com o levantamento de sua polêmica passagem no judiciário nacional. [...]

No exemplo (1) acima, na expressão referencial “o banqueiro Daniel Dantas”, o nome próprio “Daniel Dantas” é usado como especificador do nome núcleo “banqueiro”. A esse traço estrutural, Bassetto (2015) acrescenta que tal uso dá maior relevância à informação, pois recupera figuras públicas do meio social, já que não seria um banqueiro qualquer, mas um indivíduo presente no conhecimento compartilhado das pessoas. Ainda nesse exemplo, a expressão sublinhada “Gilmar Mendes” exerce, nesse caso, a função de aposto explicativo para a descrição definida “o presidente do Supremo”, identificando o objeto de discurso para o interlocutor e evitando possíveis ambiguidades na compreensão. Por essa razão, concordamos com Bassetto (2015, p. 105) ao afirmar que “os nomes próprios são extremamente significativos na orientação argumentativa do texto”.

O segundo modo de funcionamento do nome próprio descrito pela autora é a função atributiva com atributo construído discursivamente, que acontece quando nomes próprios “emprestam”

características a outro nome próprio, a outro referente, em função do ponto de vista construído no texto. Essa função pode ser compreendida no exemplo dado pela autora a seguir:

(2)

“Lula é a expressão de algo bem mais familiar na política brasileira e de que nunca vamos nos livrar. Ele é o ACM. É o Sarney. É o Jader Barbalho. É o Severino Cavalcanti (FEB)” (BASSETTO, 2015, p. 134, grifos da autora).

O referente “Lula” é introduzido com função designativa, e, em seguida, esse objeto de discurso passa a receber predicativos por nomes próprios configurando uma função atributiva. Para a autora, além desse traço estrutural, de estar em posição predicativa, acrescenta-se uma informação culturalmente compartilhada, a informação de que “o ACM” (Antônio Carlos Magalhães), “o Sarney”, “o Jader Barbalho” e “o Severino Cavalcanti” são todos políticos envolvidos em escândalos de corrupção, e suas imagens públicas permanecem ligadas a valores socialmente negativos, os quais passam a somar predicados ao referente “Lula”. A autora salienta que esses nomes próprios ainda exercem uma função designativa, pois é necessário que o interlocutor recupere esses conhecimentos de mundo. Cremos que a função designativa, a que se refere a autora, se deve ao fato, neste caso, de o nome próprio constituir um predicativo equipolente, isto é, um predicativo em relação de equivalência com o sujeito.

Para Bassetto (2015), nesse caso, os nomes próprios em função predicativa não participam dos processos anafóricos, mas auxiliam na construção referencial, apesar de ressaltar que podem ser usados como introdução e progressão referencial. Não seguiremos inteiramente esse tipo de descrição, por considerarmos tratar-se de uma restrição semântico-sintática, o que contraria a perspectiva de análise da Linguística Textual que adotamos. Reconhecemos, por outro lado, a pertinência da observação da autora quanto ao fato de, em (2), existirem relações metafóricas que promovem retomadas anafóricas diretas, colaborando para a progressão referencial. Essas relações metafóricas estabelecem uma correferencialidade com o referente “Lula” e, conseqüentemente, o recategorizam.

O terceiro e último modo de funcionamento do nome próprio é a função atributiva com atributo cristalizado, a qual se relaciona a nomes próprios que já são atrelados socialmente a uma espécie de estereótipo cultural construído por uma determinada comunidade. Parece-nos que esse traço de estereotipia está presente também no caso anterior e que a distinção se deve a outro aspecto: ao fato de o nome próprio ter passado, morfologicamente, a nome comum, ou seja, a epônimo. Nesses casos, o nome apresenta sentidos convencionados socialmente, ou seja, características fixas, estereotipadas, por exemplo, *judas*, com o sentido de *traidor*; *einstein*, com o sentido de *gênio*, dentre outras. Todavia, há exemplos em que o nome próprio permanece e se grafá, por isso, com maiúscula.

Dentre os exemplos analisados, recortamos um excerto do seguinte caso apresentado pela autora, no qual os usos dos nomes próprios desempenham a função atributiva com atributo cristalizado.

(3)

Após polêmica, Neymar é chamado de ‘novo Pelé’ na capa da ‘Time’.
Atacante do Santos estampa a capa da última edição da “Time”, que aponta o craque como o “próximo Pelé”. [...] (BASSETTO, 2015, p. 157).

Nesse caso, o referente “Neymar” é introduzido por um nome próprio designativo na manchete e, em seguida, esse objeto de discurso passa a receber atributos “cristalizados” pelas expressões referenciais “novo Pelé” e “o próximo Pelé”, jogador conhecido popularmente por sua excelência

no futebol. Dessa forma, os objetos de discurso se relacionam, num jogo de instauração de referentes, a partir das propriedades semânticas que um nome próprio em função atributiva pode oferecer a outro referente, como no exemplo acima, no qual as características cristalizadas, fixadas por uma convenção social e presentes no conhecimento compartilhado, do referente “Pelé”, são atribuídas ao referente “Neymar”. As descrições definidas “atacante dos santos” e “o craque” acrescem características aos nomes próprios atributivos para promover a recategorização do referente Neymar, que, de acordo com a autora, é “construído discursivamente”.

Podemos considerar, no entanto, que os dois referentes são construídos discursivamente, já que esses conhecimentos são acionados pelos contextos que emergem no texto. Além disso, essas relações entre os objetos de discurso são denominadas por Bassetto (2015) como um “jogo de instauração de referentes”. A nosso ver, essas relações entre referentes são próprias do fenômeno de recategorização e da construção de redes referenciais conforme Matos (2017).

Esses atrelamentos que se dão entre os objetos de discurso são favorecidos pelo processo de recategorização, que acontece, conforme Cavalcante e Brito (2016), num jogo de idas e vindas, o qual possibilita a interpretação das instabilidades e estabilidades dos objetos de discurso. A atribuição de características comuns a um nome próprio autoriza essas conexões entre os referentes. Assim, um referente introduzido é naturalmente recategorizado e transformado pelas diversas pistas contextuais, dentre elas, as expressões referenciais com nome próprio.

2 O ATO DE REFERIR COMO ATIVIDADE DISCURSIVA

Tomando os pressupostos de Mondada e Dubois (2003), de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), assim como de Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), a referenciação é uma atividade discursiva, negociada e dinâmica, possibilitando, no texto, a construção de objetos de discurso, os quais são mediados pela negociação entre os interlocutores num jogo de instabilidades e estabilidades envolvidas nas práticas sociais de comunicação. Para Mondada e Dubois (2003, p. 20),

Essas práticas não são imputáveis a um sujeito cognitivo abstrato, racional, intencional e ideal, solitário face ao mundo, mas a uma construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade das negociações, das modificações, das ratificações de concepções individuais e públicas do mundo.

A intersubjetividade, desse modo, se configura pela natureza sociocognitiva e abstrata do objeto de discurso, a qual permite aos interlocutores uma coconstrução de representações particulares e públicas do mundo, considerada mais ou menos estável a partir das negociações mediadas por um “intercâmbio” entre os interlocutores. Para os autores, referentes não são como “coisas” do mundo material, por isso afirmam sustentar uma visão de referência mais representacional e construtivista.

Esses pressupostos que fundamentaram o conceito de referenciação são recapitulados por Cavalcante (2011; 2013), Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), entre outros trabalhos desenvolvidos pelas pesquisas do grupo Prottexto.¹ Para Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), o referente pode ser definido como uma representação mental de uma entidade construída no texto pelos interlocutores.

¹ Grupo de pesquisa Prottexto coordenado pela Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante.

2.1 PROCESSOS REFERENCIAIS

Desde os pressupostos sobre as definições, os tipos e as funções dos processos referenciais discutidos por Cavalcante (2011; 2013), os processos referenciais foram subdivididos da seguinte forma, como se lê em Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014): introdução referencial; anáforas, que se dividem em anáforas direta, indireta e encapsuladora; e dêixis, elementos que organizam as coordenadas de uma situação enunciativa imediata, apontando para “quem fala”, “de onde fala” e “quando fala”.

Os autores enfatizam que esses processos não visam a uma pura classificação, mas cumprem funções argumentativas no texto à medida que são mobilizados para um projeto de dizer e negociados na interação socialmente situada. A seguir, apresentamos os processos referenciais e suas funções mais salientes, para fundamentar a análise da recategorização por nomes próprios nas anáforas.

A introdução referencial, conforme Silva (2013) e Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), é concebida como a “estrela” de um objeto de discurso no texto. A apresentação desse referente que se introduz no texto pode se dar por uma expressão referencial, que é a forma mais clássica; por elementos multimodais diversos; por várias pistas que podem apenas evocar o referente; ou por um elemento dêitico. O exemplo dos autores aponta uma forma mais clássica de inaugurar um referente no texto:

(4)
PAI,

Este retrato é mais
e mais que a pedra branca,
mais que a data sempre.

E mais que um nome
que o eco
nunca mais

[...]

(Mônica Magalhães Cavalcante, poema inédito)

(CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO, BRITO, 2014, p. 54)

No poema acima, o referente “Pai” foi introduzido por uma estrutura linguística manifestada na superfície textual, ou seja, por uma expressão referencial. Essa entidade instaurada no texto pode servir de âncora para as retomadas anafóricas que ocorrem ao longo do poema.

Outra possível introdução referencial descrita pelos autores pode se dar por uma expressão referencial que representa elementos das coordenadas da situação enunciativa imediata. Esse processo se denomina introdução referencial dêitica. Para exemplificar, os autores destacam um trecho da canção *Outra vez* de Roberto Carlos: “Você foi o maior dos meus casos/ De todos os abraços/ O que eu nunca esqueci”. Nesse exemplo, o objeto de discurso “Você” inaugura um referente e é um dêitico pessoal.

Acerca desses tipos de introdução referencial, Silva (2013) e, posteriormente, Esteves (2017) comprovaram a existência de uma introdução referencial encapsuladora, ou seja, o referente é inaugurado no texto e resume uma porção textual difusa a ser construída no texto prospectivamente. Tal processo referencial se distingue das anáforas por cumprir a função de instaurar o referente pela primeira vez no texto. Outro fator relevante a destacar é a função argumentativa da introdução referencial, que pode evidenciar um ponto de vista que se pode confirmar ou não ao longo do texto.

Diferentemente do processo de apresentação do referente, o processo anafórico possibilita manter e fazer progredir um referente no texto em virtude das sucessivas recategorizações. Esse processo anafórico se apresenta de três formas complexas: anáfora direta, anáfora indireta e anáfora encapsuladora.

A anáfora direta, ou correferencial, retoma um mesmo referente já estreado no texto, o que possibilita a manutenção e, conseqüentemente, a progressão de um mesmo objeto de discurso. O exemplo abaixo ilustra esse processo referencial e, ao mesmo tempo, ajuda a discutir as hipóteses formuladas por Soares (2017).

(5)



Fonte: Disponível:< <https://twitter.com/diimabr/status/762090361850302464>>

A postagem de *twitter* acima, publicada dia 6 de agosto de 2016, no perfil “Dilma Bolada”, se relaciona ao período da realização do evento das Olimpíadas de 2016, no qual os torcedores protestaram contra o presidente Michel Temer, levando faixas com a expressão “Fora Temer” para o estádio. O referente “Michel Temer” é inaugurado pela expressão referencial “O Temer”, que passa a ser retomado e recategorizado, em uma relação metafórica, pela anáfora direta “Voldemort das Olimpíadas”. Conforme Cavalcante e Brito (2016), as retomadas anafóricas promovem a recategorização do objeto de discurso e oferecem acréscimos e confirmações (CUSTÓDIO FILHO, 2011) das informações que “guiam” uma orientação argumentativa do texto.

O nome próprio “Voldemort” representa o estereótipo de um vilão da saga Harry Potter. Voldemort é tão demasiadamente temido por todos que seu nome não pode sequer ser pronunciado. Tal designação induz à construção de um ponto de vista – uma sátira à situação na qual os torcedores foram punidos por se manifestarem por cartazes, vaias e palavras de ordem, como “Fora Temer”. Dessa maneira, as anáforas correferenciais exercem uma função de manter um referente no texto e, ao mesmo tempo, fazem esse objeto de discurso progredir, auxiliando nos propósitos argumentativos do texto.

Já as anáforas indiretas, conforme Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), não retomam um mesmo referente já apresentado, ou seja, não há uma relação correferencial da anáfora indireta com objetos de discurso estreados no cotexto. Conforme os autores, apesar de parecer introduzir uma entidade nova, na verdade, esse processo referencial aciona referentes que apresentam um vínculo contextual com referentes expressos no cotexto ou com pistas contextuais de qualquer natureza. Nessas anáforas, portanto, há referentes “previsíveis”, devido às relações contextuais e anafóricas com os referentes já instaurados no texto. As associações permitem ao interlocutor inferir a entidade referida. Essas informações nas quais as anáforas indiretas se apoiam serão tratadas aqui como *âncoras*. Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 69), no exemplo abaixo, ilustram a anáfora indireta:

(6)

Atentado à maratona de Boston de 2013 foi um atentado ocorrido em 15 de abril de 2013, quando duas bombas foram detonadas na Maratona de Boston aproximadamente às 14h50 min (hora local), na Rua Boylston, perto da Praça Copley, na cidade de Boston, Estados Unidos, pouco antes da linha de chegada da prova que se desenrolava. As explosões mataram três pessoas e feriram mais de 170. Em 19 de abril, os serviços de inteligência informaram que dois suspeitos foram identificados Tamerlan Tsarnaev, de 26 anos, que foi morto durante tiroteio com policiais [...]

(Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Atentado_%C3%A0_Maratona_de_Boston_de_2013>. Acesso em: 22 jan. 2014, grifo nosso).

As expressões referenciais sublinhadas, de acordo com os autores, podem parecer indicar um novo referente, mas não é possível considerar que essas pistas instaurem novos referentes no texto, pois as expressões “explosões” e “serviços de inteligência”, acima, estabelecem uma relação anafórica com o referente “atentado”, em negrito, introduzido desde o título do texto.

Mencionamos, por fim, outro processo de introdução referencial, que se expressa por um encapsulamento, antecipando e resumindo porções textuais difusas no texto. Segundo Silva (2013) e Esteves (2017), pode ocorrer de a introdução encapsuladora indicar uma orientação avaliativa, colaborando significativamente para a condução argumentativa do texto. Os encapsulamentos também podem acontecer nas retomadas anafóricas, como, aliás, sempre foram definidos na literatura sobre o assunto. Mas nem as introduções encapsuladoras, nem as anáforas encapsuladoras interessam à nossa pesquisa, porque, a nosso ver, não se aplicam às expressões por nome próprio.

Elegemos, para este artigo, a análise, da apresentação e das retomadas recategorizadoras que se dão por expressões referenciais com nome próprio nas anáforas diretas, tendo em vista que grande parte de nossos dados incide sobre esse processo. Para tanto, é necessário explicitar a definição de recategorização pela qual nos pautamos neste artigo.

3 O FENÔMENO DA RECATEGORIZAÇÃO

Para Cavalcante e Brito (2016, p. 119), “a recategorização compõe a dinâmica natural de retomada anafórica, pela qual os referentes, ao mesmo tempo que se mantêm no texto por algum tipo de associação, também evoluem em diferentes proporções, em proveito da progressão temática”. Sendo o referente de natureza sociocognitiva e discursiva, a recategorização não poderia ser atribuída somente a formas referenciais, mas às idas e vindas na interpretação do texto, de modo que se estabilizam e se desestabilizam ao longo da reconstrução dos sentidos.

Esse movimento de manutenção e progressão referencial foi bem observado na tese de Custódio Filho (2011), que propôs duas etapas de construção da referência: *apresentação* e *mudança*. A mudança poderia transcorrer de três formas: *por acréscimo*, *por confirmação* e *por correção*. Em breves palavras, segundo Custódio Filho (2011, p. 194), a etapa de *apresentação* tem como principal função introduzir o referente novo pela primeira vez no texto, sendo uma âncora para possíveis retomadas anafóricas. Já a etapa de *mudança* “engloba todos os acréscimos feitos aos referentes, os quais possibilitam a percepção de que tais referentes modificam o estatuto de sua significação ao longo do texto” (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p. 194).

De acordo com o autor, a mudança por acréscimo resulta nas modificações dos referentes, podendo alterar o objeto de discurso, mas sem anular os sentidos que foram construídos até o

momento; a mudança por correção também possibilita o acréscimo de informações, mas desempenha a função de alterar o referente de modo a causar uma quebra de expectativa no interlocutor; e, por último, a mudança por confirmação exacerba determinadas características do referente, colocando-as em evidência novamente e gerando uma sanção das informações.

O autor enfatiza o papel da confirmação na análise de textos longos, argumentando em favor da importância que exerce nas estratégias de progressão referencial. A proposta de Custódio Filho (2011) se volta para o processo de recategorização, que pode ser observado a partir das etapas da construção da referência dos processos referenciais à medida que as mudanças por acréscimo, por correção e por confirmação modificam e transformam o referente já apresentado.

Quanto a essas etapas de construção da referência propostas por Custódio Filho (2011), Cavalcante e Brito (2016) sugerem duas funções mais gerais dos processos de referenciação: a de apresentar o referente pela primeira vez, realizada pelas introduções referenciais; e a de retomá-lo recategorizando-o, realizada por quaisquer processos anafóricos. Assim, Cavalcante e Brito (2016) abstraem dessas etapas essas duas funções intrínsecas aos processos referenciais, ressaltando que elas são inerentes à construção de qualquer referente.

A transformação deixa no texto um resquício do referente anterior, o que é considerado pelas autoras como um jogo de figura e fundo, em que a figura é aquilo que está mais em evidência, e o fundo é o contexto esmaecido no qual a figura está inserida. Esses passos oferecem ao nosso trabalho categorias de análise e inspiraram os objetivos desse artigo. Investigamos como certas expressões referenciais com nome próprio podem oferecer acréscimos e confirmações aos objetos de discurso inaugurados no texto.

4 AS RETOMADAS RECATEGORIZADORAS POR NOME PRÓPRIO

Neste item, demonstramos, na análise de duas crônicas jornalísticas, como o processo de apresentação e retomada recategorizadora dos referentes por nome próprio auxilia, a nosso ver, na orientação argumentativa do texto, tendo em vista a tentativa constante de influenciar os modos de ver e sentir do interlocutor. As crônicas foram publicadas no caderno *Ilustrada*, da *Folha de São Paulo*, pelo jornalista José Simão, e costumam ser elaboradas a partir de comentários sobre as principais manchetes dos cadernos desse jornal, a respeito do contexto político contemporâneo.

Outro aspecto que salientamos na análise é o modo de expressão dos referentes sob a forma de amálgama. Tal estruturação morfológica, nos contextos de uso que investigamos, indiciam pontos de vista que se quer defender e confirmar ao longo do texto.

O exemplo abaixo é um trecho da crônica jornalística intitulada *Frankstemer! Nobel da Economia!*, publicada por José Simão,² colunista da *Folha de São Paulo*, dia 04 de junho de 2016. Esse texto está inserido no contexto de investigações sobre corrupção envolvendo o mandato do presidente da Câmara Eduardo Cunha, que estava sendo investigado na época.

(6)

Frankstemer! Nobel da Economia!

[...]

Rarará!

E atenção! “Piauí Herald”: “Após aumentar gastos públicos para conter a crise,

² Colunista da *Folha de São Paulo*.

Temer é indicado para o Nobel da Economia”. A Câmara aprovou aumento da crise econômica: aumentou o Judiciário, os funcionários públicos, os militares e a mesada do Michelzinho.

Rarárá!

[...]

E o Cunha, o Chicuncunha? “Destino de Cunha está nas mãos do PRB de Russomanno”. Está em boas mãos! Bom para ambos os lados!

(Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/josesimao/2016/06/1777984-frankstemer-nobel-de-economia.shtml>>. Acesso em: 06 jun. 2017).

Notamos que, no próprio título, o referente “Michel Temer” é introduzido por uma expressão referencial que já apresenta um posicionamento argumentativo. Essa tomada de posição, como afirmaram Silva (2013) e Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), pode se confirmar ou não ao longo do texto. Esse ponto de vista, a nosso ver, é estabelecido na introdução referencial “Frankstemer”, na qual há uma alusão à figura do monstro do filme. A estrutura linguística da expressão referencial é modificada no modo de expressão pela junção dos nomes próprios *Frankenstein e Temer*. Segundo Monteiro (2002), esse fenômeno é conhecido como amálgama, ou acrossemia, processo de formação de nomes personativos em que um vocábulo é estruturado pela junção de partes de dois nomes próprios, duas expressões referenciais, neste caso “Frankenstein” e “Temer”.

Assim, esse modo de expressão do referente “Michel Temer” no contexto contribui para a manifestação de um ponto de vista do locutor, o qual demonstra não simpatizar com a política realizada pelo presidente Michel Temer. No primeiro parágrafo, outras informações confirmam esse posicionamento argumentativo, como “aumentar gastos públicos”; “Temer é indicado para o Nobel de economia; “aumentar a mesada de Michelzinho”.

O segundo parágrafo trata das investigações contra o então presidente da Câmara dos deputados, Eduardo Cunha. O referente “Eduardo Cunha” é introduzido pela expressão referencial por nome próprio, “Cunha”, e, na sequência, é recategorizado pela expressão referencial “Chicuncunha”. Essa forma, que possibilita uma transformação do referente ao acrescentar certos atributos, como a comparação do referente Eduardo Cunha a uma doença viral Chicungunya, ao mesmo tempo apresenta um tom de deboche e sátira sobre a figura de Eduardo Cunha.

Outro ponto para explorar é o uso da expressão referencial “ChicunCunha”. O locutor realça o nome próprio “Cunha” com letra maiúscula fazendo alusão ao ex-presidente da Câmara Eduardo Cunha. Por meio do processo morfológico de formação por acrossemia, ou amálgama, descrito por Monteiro (2002) como processo de formação de nomes personativos, os nomes próprios “Chicungunya” e “Cunha” se aglutinam. O recurso a essa aglutinação se evidencia como uma estratégia persuasiva, pois o interlocutor é levado a entender que o referente “Eduardo Cunha” é comparado ao vírus Chicungunya. Essas pistas nos induzem a considerar que há um ponto de vista no texto expressando desaprovação à política praticada por essa figura pública, para ridicularizá-lo.

Ao fazer essa decomposição da expressão, percebemos que há uma aproximação fonológica para evocar dois objetos de discurso. Ao estabelecer uma relação entre os referentes e recategorizar o referente “Eduardo Cunha”, o texto provoca humor e sátira ao comparar a figura de Eduardo Cunha à doença viral Chicungunya. Vale salientar que o político Eduardo Cunha se destacou diante dos acontecimentos contemporâneos ligados a sua posse como presidente da Câmara, ao presidir o processo de *Impeachment* de Dilma Rousseff, e a cassação de seu mandato por quebra de decoro parlamentar.

Nessa análise, confirmamos nossa hipótese de que o nome próprio, no espaço da recategorização, compõe estratégias argumentativas no texto em virtude de seu poder de instigar o interlocutor, a partir dos conhecimentos compartilhados, a recuperar o humor e a crítica envolvidos nesse projeto de dizer.

O exemplo abaixo pertence a uma crônica jornalística de José Simão, cujo título é *Ufa! Cunha foi pras cucunhas*, e foi publicada em 16 de junho de 2016, também na Folha de São Paulo. Esse texto trata da confirmação do pedido de cassação do mandato de Eduardo Cunha pelo Conselho de Ética da Câmara.

(7)

Ufa! Cunha foi pras cucunhas!

Buamba! Buamba! Macaco Simão! Urgente! O esculhambador-geral da República! Deus ouviu nossas preces! O Cunha foi pras cucunhas.
O Cão! O Coisa Ruim! O Tião Gavião! O Chicuncunha! O Inominável! O Insepulto!

Rarará!

[...]

(Disponível: < <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/josesimao/2016/06/1782012-ufa-cunha-foi-pras-cucunhas.shtml> >. Acesso em: 06 jun. 2017).

O próprio título, ao dizer que “Cunha foi pras cucunhas”, já alude à possível saída de Eduardo da Câmara dos Deputados, pois o referente “cucunhas” é um trocadilho com o nome próprio do “Eduardo Cunha” e indica a ideia de saída e retirada de Eduardo Cunha do poder. Em seguida, na segunda linha, o ponto de vista do locutor passa a ser confirmado por informações como “Deus ouviu nossas preces” e “Cunha foi para as cucunhas”, o que comprova uma das etapas de recategorização de Custódio Filho, a de confirmação de informações sobre o referente. O referente “Eduardo Cunha” também passa a ser recategorizado pelas expressões “o Cão”, “o Coisa ruim”, “o Tião Gavião” e “ChicunCunha”.

Chamamos atenção também para a expressão referencial “Tião Gavião”, expressão referencial que recategoriza o referente no texto. Tião Gavião, famoso personagem do desenho Penélope Chamosa, era conhecido por ser um vigarista que buscava, a todo custo, formas de matar Penélope e roubar sua herança. Outro aspecto diz respeito à aparência de Tião Gavião,³ traço usado para aproximar a aparência de Eduardo Cunha à desse personagem.

Podemos perceber, nessas análises, que o nome próprio é empregado pelo locutor para criar efeitos de humor no espaço da retomada recategorizadora, assim como para expressar um ponto de vista. A escolha de um processo referencial por nome próprio para retomar um referente inaugurado no texto gera acréscimos e confirmações de informações já mencionadas no texto, colaborando para a condução argumentativa.

CONCLUSÃO

Sendo nossa intenção investigar como os nomes próprios participam das retomadas recategorizadoras, concluímos que se faz relevante observar as anáforas diretas expressas no cotexto por

³ Os apuros de Penelope Chamosa. (Disponível em: < http://www.autobahn.com.br/desenhos/penelope_charmosa.html >. Acesso em: 1 out. 2017.

nome próprio, assim como as relações metafóricas construídas no texto a partir das relações de identidade entre os referentes. Avançamos nas considerações de Bassetto (2015) por considerar os nomes próprios, nos processos referenciais, não só uma estratégia de progressão referencial, mas uma estratégia persuasiva, que, junto a outras diversas, guia a argumentação no texto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMOSSY, R. Argumentação e Análise do Discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. *Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, n. 1, p. 129-144, 2011.
- AQUINO, Z. G. O. de.; GONÇALVES- SEGUNDO, P. Estudos do discurso: caminhos e tendências. In: CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. O. *O caráter naturalmente recategorizador das anáforas*. São Paulo: Editora Paulistana, 2016. Disponível em: <<http://cied.fflch.usp.br/sites/cied.fflch.usp.br/files/u31/Livro-CIED-2016-final.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2017.
- BASSETTO, L. M. T. *O funcionamento de nomes próprios no processo de referenciação*. 2015. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2015.
- CAVALCANTE, M. M. Estratégias de persuasão: a contribuição da Linguística Textual para o ensino e para a pesquisa. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 10., Nitéroí, 2017.
- CAVALCANTE, M.; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. A. P. *Coerência, Referenciação e Ensino*. São Paulo: Cortez, 2014.
- CUSTÓDIO FILHO, V. *Múltiplos fatores, distintas interações: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação*. 329 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; BIASI-RODRIGUES, B.; CIULLA, A. (Org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.